

Falando no Kwacha Centre de Blantyre

Que cada moçambicano seja embaixador da nossa civilização

— Presidente Samora Machel ao dirigir-se aos nacionais e naturais de Moçambique fixados no Malawi

Durante a sua recente visita ao Malawi, o Presidente Samora Machel encontrou-se com os moçambicanos ou naturais de Moçambique residentes naquele País vizinho. A reunião teve lugar no Kwacha Centre, em Blantyre, e durou cerca de três horas.

Ao iniciar a reunião, o Presidente Samora Machel fez a apresentação dos principais membros da sua comitiva. Começou por apresentar Mariano Matsinha, membro do Bureau Político e dirigente da Província do Niassa, seguindo-se o Coronel-General Sebastião Mabote e o Ministro Mário da Graça Machungo, para acabar nos Ministros Alcântara Santos e Joaquim de Carvalho, no Vice-Ministro José Carlos Lobo e no Coronel Deolinda Guezimane.

Durante esta apresentação, o Chefe do Estado aproveitou a oportunidade para explicar a definição e competência do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo e do próprio Comité Central. Depois, acompanhado por toda a delegação, que levou consigo os presentes na sala, conduziu a interpretação da canção de luta «Khanimambo Frelimo».

Em seguida, passamos a transcrever a versão do improviso feito pelo Presidente Samora Machel nesse encontro com moçambicanos ou naturais de Moçambique residentes no Malawi:

Vim aqui para falar aos moçambicanos que vivem na República do Malawi, por várias razões.

A primeira razão é que alguns dos que estão aqui nasceram no Malawi e já têm idades entre os 50 e os 60 anos.

Vieram com os seus pais e avós, que fugiram de Moçambique.

Os pais e os avós fugiram de Moçambique devido:

- à crueldade do colonialismo
- ao trabalho forçado
- à machila
- à palmatória

Os pais e os avós fugiram de Moçambique porque:

- eram vendidos para as plantações dos colonos
- os colonialistas portugueses queriam as suas filhas e mulheres para serem violadas.

Correcto?

Este é o primeiro grupo, a maioria dos moçambicanos residentes no Malawi, que veio das províncias da Zambézia, de Tete e do Niassa.

Já são malawianos mas têm parentes e os túmulos dos seus antepassados, em Moçambique. Têm a sua origem, as raízes e pontos de referência em Moçambique.

Estes moçambicanos estão aqui desde o tempo do colonialismo britânico. Aqui, também eram colonizados, apesar de terem fugido do colonialismo em Moçambique.

São moçambicanos que têm mérito, porque lutaram ao lado do povo malawiano pela independência do Malawi, lutaram por esta pátria e conquistaram a independência desta pátria ao lado do Malawi Congress Party.

Estes são verdadeiros representant-

tes dos moçambicanos, representam o Povo moçambicano do Rovuma ao Maputo. Têm os mesmos direitos e deveres, aqui no Malawi, como qualquer outro indivíduo que lutou por esta Pátria.

O segundo grupo, que constitui a segunda razão, veio na década de 50, durante a Federação das Rodésias e Niassalândia, porque os colonialistas ingleses foram ao nosso País recrutar moçambicanos de todas as províncias para a construção de Blantyre e de Salisbúria.

Então, os colonialistas britânicos trouxeram para aqui:

- carpinteiros
- pedreiros
- motoristas
- tractoristas
- electricistas
- mecânicos
- pintores

Correcto? (palmas).

E estes moçambicanos ficaram por cá, muitos hoje são malawianos.

Também têm o seu mérito.

Quando foi fundada a FRELIMO, criaram «branchs» por todo o Malawi. Coordenavam os trabalhos e apoiavam os moçambicanos que fugiam de Moçambique para o Tanganhica.

Davam de comer, davam alojamento, forneciam transporte e davam dinheiro aos que fugiam para ir para o Tanganhica.

Muitos de nós vínhamos aqui no Malawi para recrutar jovens em Tete, na Zambézia, em Nampula e no Niassa e, a partir daí, vívamos na casa de algumas pessoas.

Estas pessoas colectavam dinheiro para se alugarem machimbombos, que

transportavam os jovens para o Tanganhica. Colectavam dinheiro para suportar a guerra de libertação nacional.

A estes dois grupos muito obrigado. (Palmas).

Entre nós, aqui, há quem passou pelo Malawi.

A Coronel Deolinda Guezimane passou por aqui em 1965, para o Tanganhica, quando vinha da Beira. Ficou em casa de algumas pessoas, que estão aqui e que eu conheço.

Em que casa ficou? (pergunta o Presidente Samora Machel à Coronel Guezimane; a resposta foi: Em casa do Dique).

O Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, José Carlos Lobo, fugiu da Zambézia e passou por aqui. Pernoitou também em casa do Dique.

O capitão, meu ajudante-de-campo, fugiu de Tete e passou por aqui para o Tanganhica e também pernoitou na casa do Dique.

Onde está o Dique?

(E Dique Chipara deixa o seu lugar entre a multidão e avança para o estrado, onde se encontra o Presidente Samora Machel. Um forte abraço une o líder e Dique Chipara).

— Dique: está a ver o resultado do seu trabalho? — pergunta o Chefe do Estado e Dique Chipara diz que sim, abanando simplesmente a cabeça, não escondendo a sua emoção.

E o Chefe do Estado continua:

— Agora tem de tirar os bandidos que estão no Malawi. Vou dar-lhe um trabalho, agora não só para si, como para todos os que estão nesta sala, porque não têm trabalho. Pensam que a luta terminou. Mas dizemos que a Luta Continua e vocês dizem que a luta terminou.

Vou falar-vos do terceiro grupo, a terceira razão: os refugiados.

A guerra começou em Moçambique e mais de 250 mil moçambicanos entraram no Malawi.

Quando, em 1964, desencadeámos a guerra em Tete e na Zambézia e queríamos avançar para Namputa, eu estive no Malawi para infiltrar os combatentes da liberdade.

As nossas armas vinham da Tanzânia para aqui escondidas em sacos de peixe (sim, responderam os presentes). Mas tivemos dificuldades e não conseguimos abastecer Tete e Zambézia.

Então, os portugueses começaram a massacrar as populações e elas fugiram para o Malawi.

As populações que vieram para aqui, são sobreviventes dos massacres praticados pelos portugueses em Tete e na Zambézia, em particular em Milange, Tacuane e em outras partes.

Este grupo fugiu de Moçambique somente com a capulana que trazia no corpo. As palhotas e todos os seus bens foram queimados pelo Exército português e passaram seis meses na floresta, onde esconderam as suas armas.

Este grupo também tem mérito. São moçambicanos, verdadeiros moçambicanos.

Muito obrigado a este terceiro grupo. (Palmas)

Eu vim aqui, ao Malawi, clandestinamente, por três vezes, para supervisionar a guerra. Fiquei em casa de alguns, que estão aqui.

Fiquei na casa daquela senhora que está ali Venha cá. Onde é que está o seu marido? E a sua filha? (É a família Matevata).

Fiquei em casa desta senhora como simples refugiado. Aqui está a esposa, o marido e a filha.

Quantos anos tinha Carolina, quando te conheci?

(Tinha 12 anos, responde).

Já és casada?

(Sim, responde)

Quantos filhos tens?

(Três filhos)

Tinha 15 anos quando levámos Carolina para o Tanganica para o Instituto Moçambicano, para prosseguir com os seus estudos.

Estes três grupos estão aqui, no Malawi.

Há o quarto grupo. (Risos). Sabem qual é? São os que durante a guerra fugiram do Niassa, Cabo Delgado e Tete para o Malawi, com medo, e tornaram-se em bandidos e ladrões.

Este grupo não presta para nada. Passou a trabalhar para os portugueses, com a PIDE. Assassinarão e raptaram alguns dos nossos para os entregar aos portugueses. Assassinarão o velho Mutumuka e raptaram o Lourenço para o entregarem à PIDE. O Lourenço não está aqui? Este grupo, quando proclamámos a independência, arrombava lojas no Malawi. Perseguiu o primeiro, o segundo e o terceiro grupos. Sabem ou não sabem?

(Resposta: Sabemos)

Não há guerra sem traidores. Todas as guerras têm heróis e traidores. Vocês, aqui, são heróis da luta de libertação do Malawi e da guerra de libertação de Moçambique.

Mas este quarto grupo é anti-patriótico, é contra a unidade nacional, é contra o nosso povo, é contra a independência nacional.

Quería lutar só em Tete, so na Zambézia. Era constituído por tribalistas.

E na Zambézia ou em Tete só queria lutar pelo seu distrito e dentro do seu distrito só queria lutar pelo seu grupo étnico.

Este grupo não conhece a diferença entre o sol e a lua. É como o porco, que anda sempre de cabeça para baixo e não vê o sol nem a lua.

É este grupo que provoca desconfiança entre o Malawi e Moçambique. (Fortes aplausos). Este grupo faz-se de porco para que o Malawi e Moçambique entrem em choque e lutem entre si.

Alguns deles já estão no Governo malawiano, no Exército, na Polícia e na Segurança malawianas como malawianos. Entenderam?

(Fortes aplausos)

O quinto grupo é o mais grave de todos os que estão no Malawi.

É formado por aqueles que, quando proclamámos a independência, fugiram de Moçambique para o Malawi. Fugiram à liberdade.

Por que é que fugiram de Moçambique?

Por que tinham pertencido à tropa portuguesa.

Sendo tropa portuguesa, participaram na destruição dos bens da população.

Mataram a sangue-frio elementos do povo.

Violarão mulheres e crianças em público.

Participaram na queimada de palhotas das populações. Fecharam crianças, mulheres e velhos nas palhotas e queimaram-nos vivos.

Participaram nos massacres de Wiryamu, Inhaminga e Unango, entre outros.

Sabiam que o povo os conhecia. E, quando proclamámos a independência, para escapar ao julgamento e à justiça popular, fugiram para o Malawi.

Neste quinto grupo também há sipaios e régulos.

Também há bandidos, assassinos e anti-sociais.

Todos estes fugiram para aqui.

Quando o Povo do Zimbabue começou a guerra, saíram do Malawi e foram juntar-se ao Exército da Rodésia para atacar o poder em Moçambique.

Vieram então para Moçambique queimar vivos passageiros dentro dos mochimbombos, dentro dos comboios. Vieram para destruir pontes e linhas férreas, que vêm para o Malawi.

São bandidos armados. Mas intitulam-se de partido.

Que partido é esse?

São criminosos, assassinos.

Gente sem moral, sem ética, sem civilização. São pessoas, estas?

Chegam ao Malawi e dizem que fugimos de Moçambique porque lá são comunistas, não há em Moçambique comerciantes privados. Dizem que em Moçambique não se deixa o povo cultivar a terra.

Com esta conversa, ganham a simpatia de alguns no Malawi (palmas).

Ganham a simpatia de alguns que estão aqui, nesta sala.

Ganham o apoio de alguns, que lhes dão de comer.

Queríamos dizer-vos uma coisa.

Não há força nenhuma no Mundo que conseguirá destruir a Frelimo. Ouviram?

Não há força nenhuma capaz de destruir a Frelimo.

O nosso Exército é forte. É um dos

mais fortes em África.

Nós, os moçambicanos, temos muito orgulho em dizer que fomos os primeiros a derrotar um Exército europeu em África.

(Palmas)

Ouviram?

(Palmas)

Não há nenhum país que derrotou os europeus aqui, em África. Só Moçambique. Fomos os primeiros.

A História da Europa conta sempre a derrota dos africanos.

A História conta sempre que a Europa nunca perdeu uma guerra.

Mas um Exército africano, que é o de Moçambique, bateu um Exército europeu. (Aplausos prolongados). A nossa independência não foi de bandeja. Não nos foi oferecida. Conquistámos a independência.

(Aplausos prolongados)

Agora esses bandidos estão a enganar-vos. Mas quem governa em Moçambique é o povo e o povo nunca pode ser vencido.

(Fortes aplausos)

Apresentei-vos todos estes dirigentes aqui (aponta para a delegação que o acompanha), todos foram refugiados, incluindo eu próprio.

Fizemos 10 anos de guerra contra o colonialismo português sem parar um dia, uma semana, um mês e ganhámos.

O nosso povo está cada vez mais unido em volta da Frelimo.

Cada moçambicano é a Frelimo.

Ouviram?

(Sim, respondem).

Vimos, agora, ao Malawi porque o quarto e o quinto grupos se juntaram e estão a lutar contra o nosso povo.

Transformaram-se em assassinos, em criminosos. Vão para Moçambique raptar elementos da população para o mato. Não respeitam o hospital, a escola, a maternidade, as lojas dos comerciantes privados e as machambas privadas.

Roubam e depois queimam tudo. Vão às machambas dos privados e saqueiam tudo e depois queimam tractores, matam os donos e fogem para o Malawi.

Cortam a linha férrea que vem de Nacala para o Malawi.

O Malawi está agora em dificuldades por causa desses dois grupos.

Mas, o Malawi não é um país socialista, tem muitos privados que produzem milho, amendoim, feijão, chá, açúcar e tabaco. O Malawi precisa de exportar estes produtos para ter dinheiro para construir escolas, hospitais, estradas e fábricas de roupa.

Se os produtos do Malawi não podem ser escoados e exportados por causa dos bandidos, será que esses bandidos só estão a lutar contra Moçambique? Pensam que esses bandidos apenas estão contra Moçambique?

O Malawi tem dificuldades de importar e exportar. Tem dificuldades de fazer sair os seus produtos e não pode perder dinheiro.

O Malawi tem muitas dificuldades e tem de ir à África do Sul e à Tanzânia. Sabem quantos meses leva um produto daqui, do Malawi, a ser transportado até à África do Sul?

Vocês sabem que o Malawi não tem petróleo, porque os bandidos cortam a linha férrea que vem da Beira, tra-

zendo petróleo para aqui.

É contra Moçambique, apenas, isto tudo?

O Malawi importa sal da Alemanha Federal e da Namíbia. Quantos mees leva o sal para aqui chegar? E quanto custa tudo isto?

Os bandidos cortam a linha férrea e os vossos carros, que vêm do Japão e Inglaterra, ficam parados por causa deles. As fábricas têxteis, para produzirem roupa, precisam de certa matéria-prima. O desenvolvimento do Malawi exige maquinaria, que tem de importar e não chega ao Malawi porque os bandidos cortam a linha férrea.

Os bandidos cortam as linhas férreas e as estradas para o Malawi morrer.

Quando não há sangue no organismo, a anemia ataca-nos.

Os bandidos armados roubaram um carro cheio de dinheiro malawiano, aqui, no Malawi.

Pensam que esses bandidos são só inimigos de Moçambique, inimigos do socialismo? Se pensam assim, vão morrer aqui.

(Fortes aplausos).

Eu vim para dizer ao Governo do Malawi que estes bandidos, esta sujidade que se encontra no Malawi, é contra o Povo do Malawi.

Vamos limpar aqui, no Malawi, os bandidos armados.

Porque é o Povo do Malawi quem sofre com os bandidos armados.

Em Moçambique, vamos acabar com os bandidos e quem vai sofrer com os bandidos será o Malawi. (Aplausos).

Acabámos com o colonialismo português, acabámos com o regime racista de Ian Smith. Não existe qualquer outra força capaz de nos bater aqui.

Somos um povo que não teme a guerra. O Povo de Moçambique defende a independência. Todo o povo defende o governo.

Todo o Povo de Moçambique defende cada palmo do território nacional, defende a unidade nacional. (Fortes aplausos).

Por isso, viemos aqui coordenar acções com o Malawi.

Estamos prontos a considerar o inimigo do Malawi como inimigo de Moçambique. (Palmas).

O inimigo do Povo do Malawi é inimigo do Povo de Moçambique. (Aplausos).

A nossa política é esta.

Agora, o Malawi que diga se o inimigo do Malawi como inimigo de Moçambique. (Palmas).

Não vamos permitir que Moçambique seja uma base de destruição e desestabilização do Malawi (palmas). Não vamos permitir que os ladrões roubem no Malawi e fujam para Moçambique. (Palmas).

Não vamos permitir que os violadores de menores pratiquem os seus crimes no Malawi e fujam para Moçambique (Palmas).

Os assassinos e bandidos, que cometerem crimes no Malawi e fugirem para Moçambique, serão mandados de volta, entregues ao governo, para que sejam julgados no Malawi.

Queremos desenvolver a cooperação económica e social com o Malawi.

Os Povos de Moçambique e do Malawi necessitam de escolas, de hospitais, de maternidades. Precisam de ter famílias sólidas, lares felizes. Os maridos e as esposas necessitam de boa casa, os jovens, rapazes e raparigas, do Malawi e de Moçambique, necessitam de casas.

Os povos não necessitam de bandidos. (Palmas).

Os Povos do Malawi e de Moçambique precisam de vestidos, lenços, blusas, saias e capulanas bonitas; precisam de sapatos para não andarem descalços.

Os homens necessitam de bons fatos, de boas camisas e gravatas, de boa roupa.

Isto é a independência. Tudo isto nós queremos em Moçambique. É por isto que trabalha o Governo de Moçambique.

É por isso que nos atacam os bandidos armados.

O Malawi e Moçambique precisam de boas estradas, de boas embarcações para o Lago Niassa/Malawi e para o rio Chiúre; necessitam de linhas férreas, de machimbombos, de táxis; precisam de salões de café e de chá, de bons restaurantes e hotéis, de modistas e cabeleireiros.

O Malawi e Moçambique precisam de bons aviões.

Todo o Povo em Moçambique sabe que é tudo isto o que o governo quer realizar.

Ouviram?

Sabem que o nosso País é grande? (Sabemos, respondem).

Do Maputo a Pemba, num «Boeing», são três horas de viagem. Moçambique tem 14 milhões de habitantes, é um país muito rico e muito grande.

Em Moçambique, temos a agricultura, minas de carvão, jazigos de ferro, de cobre, de ouro e de mármore. Moçambique é riquíssimo em madeira e em peixe, com cerca de três mil quilómetros de costa. Agora, estamos à procura de petróleo e vamos encontrá-lo.

Queremos que esta riqueza seja também do Povo do Malawi e por isso também estamos aqui.

Havendo entreaajuda na liquidação dos bandidos armados vamos cooperar economicamente para desenvolver os nossos países. Os capitalistas do Malawi poderão investir em Moçambique. (Palmas).

Abriremos estradas e linhas férreas para que o Malawi tenha três saídas para o mar através dos portos da Beira, de Nacala e de Quelimane.

De Quelimane, forneceremos sal para vós, aqui. Não necessitarão de ir à RFA e à Namíbia buscar o sal. Moçambicanos!

É momento de serem vigilantes, de ajudarem a Polícia, a Segurança e o

Exército do Malawi, mostrando-lhes os maus moçambicanos, os bandos armados, os assassinos, ladrões, criminosos, anti-sociais e marginais. (Aplausos prolongados).

É momento de mostrarem ao Governo do Malawi onde é que os bandidos escondem as armas, aqui, no território malawiano.

É momento de informarem o Embaixador de Moçambique, no Malawi, sobre os bandidos, de informarem-nos dos seus nomes.

Assim, as relações entre o Malawi e Moçambique serão relações de dente e lábio, de boca e dente, defendem-se. Ouviram bem?

(Ouvimos, respondem).

Nós temos este tipo de relações com a Tanzania, Zâmbia, Zimbabwe e Suazilândia.

Assinámos em 16 de Março de 1984, um acordo com a África do Sul de não-agressão e boa vizinhança. A África do Sul aceitou assumir um papel activo para o fim do banditismo armado em Moçambique.

Cada moçambicano deve ser Embaixador de Moçambique aqui, no Malawi. Em cada moçambicano, o Malawi deve ver a cultura, a moral a civilização do Povo moçambicano. (Palmas).

O moçambicano deve ser muito trabalhador, nunca deve ser preguiçoso. (Palmas).

Moçambicanos residentes no Malawi,

A vossa missão é mostrar os bandidos moçambicanos que vivem no Malawi.

Agradecemos ao Governo do Malawi e ao Malawi Congress Party por ter organizado este encontro entre moçambicanos.

Moçambique é um país independente.

A bandeira, que flutua em Moçambique, jamais descerá. Flutuará para sempre. (Aplausos fortes e prolongados).

A Luta Continua!

Independência ou Morte, Vencemos!

Khanimambo Frelimo!